

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ELISANGELA SALETE BONFIM
GABRIELE PAULA DULLIUS**

**O LUGAR DOS BRINCARES NA PRÁTICA DA PROFESSORA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**



**CHAPECÓ
2015**

**ELISANGELA SALETE BONFIM
GABRIELE PAULA DULLIUS**

**O LUGAR DOS BRINCARES NA PRÁTICA DA PROFESSORA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para aquisição de
grau de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira sul.
Orientadora: Prof.^a Lisaura Beltrame

**CHAPECÓ
2015**

O LUGAR DOS BRINCARES NA PRÁTICA DA PROFESSORA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Elisangela Salete Bonfim

Gabriele Paula Dullius

RESUMO

O presente trabalho discute a importância dos brincares na Educação Infantil. Sabe-se que o brincar nessa idade é uma forma de desenvolvimento e autonomia da criança, e é através do brincar que ela se expressa, recria valores e tem plena liberdade de recriar e inventar. O professor se torna propulsor desta mediação em suas práticas educativas. O tema nasce a partir de situações vivenciadas no estágio supervisionado em Educação Infantil pela Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó e pelas experiências vividas no estágio não obrigatório. O professor que tem o brincar como mero passa tempo, sem uma finalidade educativa, está prejudicando a criança, tendo como base o brincar por brincar? Qual a importância dada ao brincar? Como a criança se desenvolve no brincar? Essas foram as questões que nortearam nosso trabalho. Através das leituras e relatos buscamos respostas para nossos questionamentos para saber qual o lugar dos brincares na prática da professora de Educação Infantil no cotidiano da sala de aula, tendo como foco o aprofundamento e a compreensão sobre o olhar do pedagogo diante das brincadeiras nos espaços educativos. Trata-se de uma pesquisa etnográfica que visa compreender os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. O Trabalho divide-se em cinco modalidades, sendo o contexto histórico do brincar, o brincar, o brincar de faz de conta, o papel do professor como mediador e por fim, os relatos das experiências vivenciadas.

Palavras Chave: Educação Infantil. Brincares. Professor.

ABSTRACT

This present paper discusses the importance of the play in kindergarten. It is known that the play at that age is a form of development and autonomy of the child, and it is through play that the child is expressed, recreates values and has complete freedom to re-create and invent. The teacher becomes propellant of this mediation in their educational practices. The issue arises from situations experienced in supervised training in Early Childhood Education from the Federal University of Southern Frontier, campus Chapecó, and by their experiences in the non-mandatory internship. Is the teacher who has the play as a mere passing time without an educational purpose, hurting the child, based on the play by play? What is the importance given to play? How the child develops in the play? These were the questions that guided our paper. Through readings and reports we look for answers to our questions to know what the place of the play in the practice of childhood education teacher in the classroom day by day, focusing on deepening and understanding about the look of the pedagogue on the games in educational spaces. This is an ethnographic survey research that aims to understand the processes of everyday life in its various forms. The work is divided into five modes,

the historical context of the play, playing, playing make-believe, the teacher's role as mediator and finally, the accounts of lived experiences.

Keywords: Childhood Education. The play. Teacher.

1 INTRODUZINDO OS BRINCARES

A escolha do tema surge a partir do estágio de educação infantil e de experiências vivenciadas em sala de aula no estágio não obrigatório, o qual nos fez refletir sobre alguns questionamentos: Qual é o papel do professor em relação à brincadeira? Qual a importância dada ao brincar? Ele é valorizado? Ele possui uma intenção? De que forma a brincadeira é apresentada às crianças? Com uma intencionalidade ou mero passa tempo? O que se sabe é que a brincadeira assume um papel de fundamental importância no cotidiano da criança e se for usado de forma intencional pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento/aprendizagem da mesma.

O trabalho tem por objetivo investigar de que forma o brincar é apresentado pelo professor às crianças da educação infantil, analisando o papel do professor como mediador na hora dos brincares na educação infantil e caracterizar a importância do brincar para o desenvolvimento/aprendizagem da criança.

Considerando que o brincar é uma atividade natural e prazerosa para a criança, faz parte do seu processo de desenvolvimento/aprendizagem e o professor como profissional capaz e comprometido com o que faz, torna-se um mediador das práticas educativas em sala de aula. O brincar possui uma relação muito grande com o desenvolvimento/aprendizado da criança principalmente em idade escolar, já que auxilia na construção de seu pensamento.

Quanto mais a criança brinca, mais ela exercita sua capacidade de concentrar-se em algo, é através do brincar que ela desenvolve autonomia e identidade própria, sendo a brincadeira o primeiro contato que a criança tem com o seu meio cultural e social. Não podemos proibir que a criança brinque, ou até mesmo dizer que ela brinca só por brincar, esse ato permite que a criança experimente o novo, onde ela inventa, aprende, desenvolve habilidades, estimula a curiosidade, autoconfiança, autonomia e faz com que desenvolva a linguagem, pensamento e a atenção. Brincar é um momento de auto

expressão e auto realização da criança. As atividades livres, como blocos, peças e músicas desenvolvem a criatividade da criança. Assim como o brincar organizado tem por finalidade promover desafios à criança, as brincadeiras fazem com que esta cresça, reflita sobre suas ações, procure soluções e alternativas para reinventar o brincar, fazendo com que ela seja estimulada a se desenvolver e aprender.

Muito importante é a compreensão de que o brincar em sala de aula não pode ser visto como algo só para passar o tempo ou apresenta-lo só nos momentos vagos. O brincar precisa ser acompanhado pelo educador, ter uma intenção, um planejamento, não sendo passado de qualquer jeito à criança, pois ela acaba perdendo o prazer pela brincadeira e o brincar acaba se transformando em um momento de discussões entre os alunos, por um querer o brinquedo do outro, não saberem brincar na coletividade e a brincadeira acaba caindo na individualidade, não proporcionando o momento de troca de experiências.

Há momentos em que o brincar deve ser livre, onde as crianças brincam com seus colegas, criando suas regras e fazendo com que a brincadeira ocorra da forma que eles preferirem, pois os colegas se tornam mediadores do conhecimento também. Porém, é preciso que o educador acompanhe esse momento e realize intervenções caso seja necessário.

2 APROFUNDANDO A TEMÁTICA DOS BRINCARES

A afirmação de Claparède (1940) de que nada é mais sério que uma criança brincando é muito real, pois o jogo é o trabalho, o dever, o ideal da vida. A criança trata o brincar como algo sério, auxiliando em seu desenvolvimento, tanto psicológico quanto social.

Em sequência abordaremos, de forma breve, a história do brincar, na visão de diferentes autores.

2.1.1 Pinceladas da história do brincar e a presença dos brincares na Sociedade Moderna

O brincar está presente na vida da criança em diferentes espaços, tempos e perspectivas, levando em conta o contexto social em que a criança está inserida. Está presente também nas mais variadas formas, passando por transformações. A criança pode reproduzir as brincadeiras dos seus antepassados, mas não serão mais exatamente iguais, pois a história é dialética, mutável. Sendo que com o passar do tempo a criança passa a colocar as regras que considera necessárias para determinadas brincadeiras, causando modificações na maneira de brincar. O brincar é considerado algo natural para a criança, e faz parte do seu cotidiano.

Segundo Silva e Santos (2009, p.4)

As brincadeiras são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país, de um povo. Achados arqueológicos do século IV A.C., na Grécia, descobriram bonecos em túmulos de crianças. Há referências a brincadeiras e jogos em obras tão diferentes como a Odisseia de Ulisses e o quadro jogos infantis de Pieter Brughel, pintor do século XVI. Nessa tela, de 1560, são apresentadas cerca de 84 brincadeiras que ainda hoje estão presentes em diversas sociedades.

Wajskop (2007) afirma que ao longo dos anos o termo brincar ainda não está determinado, pois varia de acordo com cada contexto, os termos brincar, jogar e atividades lúdicas são usados como sinônimos. Em seus estudos sobre a história do brincar, o autor supracitado afirma que a brincadeira, desde a antiguidade, era utilizada como um instrumento para o ensino, com o passar do tempo, rompeu-se esse pensamento e passou-se a valorizar a importância do brincar, pois na antiguidade, a brincadeira era vista como uma negação ao trabalho e como sinônimo de insolência e desinteresse pelo que é sério.

Nota-se assim que em cada época o brincar tem sua intencionalidade, desde uma negação ao trabalho, onde as brincadeiras eram vistas como uma válvula de escape, até a evolução sobre a importância das brincadeiras nos dias atuais. No entanto, ainda estamos inseridos na sociedade capitalista onde o brincar não é prioridade, e não possui espaço, no século das informações e do conhecimento, onde o brincar ainda não possui uma definição exata, pois alguns autores definem que o brincar tem intencionalidade,

que é um ato pedagógico. Mas há aqueles teóricos que consideram o brincar apenas como um passa tempo.

Silva e Santos (2009) afirmam que por volta do século IV A.C. o ato do brincar era entregue as crianças como uma forma de culto, cada um tem um sentido e significação com fins para a religiosidade para a doutrinação das crianças, brincar passa a ser visto como algo “livre” espontâneo para a criança que ela brinca de forma livre como desejar e não mais para fins da religião.

Volpato (2002, p.39) leciona que por muito tempo “adultos, jovens e crianças se misturavam em todas as atividades sociais, ou seja, no brincar, nos jogos e brincadeiras, no exercício das profissões e tarefas diárias no domínio de armas, entre outros”. Percebe que se estabelecia contato com todas as pessoas sem distinções de sexo e idade. Todos dividiam as mesmas brincadeiras e as tarefas.

Ainda resgatando questões históricas, Volpato (2002, p.62) contribui dizendo que

Em séculos passados havia certa margem de ambiguidades em torno dos brinquedos, principalmente na sua origem. A maior parte deles era compartilhada tanto por adultos como por crianças, tanto por meninos como por meninas, nas diversas situações do cotidiano. Essa ambiguidade começou a desaparecer, principalmente com o início da especialização dos brinquedos que passou a ocorrer no século XVIII, com o advento do capitalismo. O brincar e o brinquedo passaram a ser vistos com fins lucrativos. Pela crescente tendência de racionalização principalmente da sociedade ocidentais, as características do brincar e jogar, foram se modificando. O que antes era motivo de profundas relações familiares, com valores e sentidos culturais muitos significativos, torna-se objeto destinado a um público alvo, com um fim em si mesmo.

Segundo Redin (2003), a violação do direito de brincar pode ter sido afetada pela estruturação das sociedades modernas, pois durante as sociedades primitivas, adultos e crianças faziam atividades coletivas envolvidas por um ambiente de ludicidade e permeadas por um caráter comunitário de festividade, essas atividades eram de caráter religioso, artístico, cultural, acreditavam que o jogo era somente um jogo.

Volpato (2002, p.42) acrescenta que “com o desenvolvimento do processo de industrialização, as formas de trabalho e a utilização de instrumentos sofreram transformações, provocando mudanças significativas nos diversos setores de produção e nas formas de brincar”. O autor relata que quanto maior os avanços tecnológicos na fabricação de instrumentos de trabalho, exigindo maior conhecimento e domínio técnico, maior a distância entre a vida de trabalho dos adultos e das crianças. Com a era

industrial moderna e a expansão do capitalismo houve um distanciamento entre a criança e o adulto, buscou-se a formação de um homem produtivo e responsável para o sistema. Já as crianças passaram a ser encaminhadas para as escolas e outras instituições infantis. O tempo e espaços já não faziam parte do lazer e da ludicidade, os jogos comunitários acabaram se restringindo.

Nas sociedades de hoje o tempo é dedicado para o trabalho, para a igreja, encontros com os amigos, afazeres domésticos, jogar conversa fora e o tempo para a criança brincar, para a participação das brincadeiras está longe de ser o ideal. A sociedade moderna está em constante movimento, não havendo tempo para pensar, planejar o espaço de brincar da criança, a brincadeira não é vista com essencial, tudo é mais importante que o brincar.

Marcelino (2000) nos faz refletir como está dividido o espaço e tempo na educação infantil, se tem tempo para afazeres e compromissos, atividades pensadas no futuro da criança, como tarefa da escola, curso de Inglês, de Informática, e cada vez mais o brincar e a ludicidade estão de esgotando nos centros de educação Infantil.

Nesta sociedade capitalista, aos olhos de Marcelino (2000), a criança passa a ser considerada como um consumidor potencial. A produção cultural infantil é substituída por uma produção cultural para infância, que restringe a liberdade de brincar e expande a industrialização do brinquedo. É imposta à criança a ideia de um brincar com o brinquedo mais moderno, mais caro e o mais bonito. Esquece-se do essencial que é o brincar, não importa com quais brinquedos, se tem ou não, o importante é criar, imaginar, construir e imaginar.

A brincadeira não deveria ser um comércio, o brincar é visto pelo capitalismo como um meio de obtenção de lucros e não o brincar por prazer, ter a liberdade de se expressar, de inventar o próprio brinquedo. A criança não deveria ser vista apenas como um consumidor potencial, mas sim que é uma criança, que inventa seu próprio brincar.

Nota-se que em algumas famílias com menor poder aquisitivo, a criança substitui o momento da brincadeira por trabalhos com fins lucrativos para ajudar na renda familiar, trocando o único momento em que ela pode ser ela mesma pela necessidade de ajudar a família. Mas não acontece somente em famílias menos favorecidas financeiramente, crianças com maior poder aquisitivo, são pressionadas a deixar as brincadeiras de fora para se dedicar a seguir os passos dos pais, que é ter uma profissão de sucesso. Essas crianças tem uma série de metas para cumprir, para dar continuidade ao bom nome da família.

Independente da classe social, a criança necessita de um tempo só para ela, para se divertir, sentir prazer naquilo que está fazendo, pois a brincadeira faz parte da sua formação integral, ajuda na formação do caráter e nas escolhas que serão feitas ao longo da vida.

Nos tempos atuais a criança é reconhecida como indivíduo com direitos assegurados e reafirmados em meios legais como a Declaração dos Direitos Humanos da ONU em 1948, os Direitos da Criança em 1959, a Constituição Federal Brasileira de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990- ECA, a nova redação dada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9394 de 1996, o Estabelecimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil pelo Conselho Nacional de Educação em 1998 e o Plano Nacional de Educação de 2001, inclusive o direito ao brincar.

O brincar é assegurado como um direito a cidadania, assim como o lazer, a cultura e o esporte. Não precisaria de leis de amparo a infância se as mesmas fossem respeitadas e ouvidas. Em muitos casos esses direitos são negados a criança, a infância lhe é roubada como se fosse algo sem importância alguma.

Volpato (2002 p. 63) leciona que

Apesar de todas as mudanças que passam terem ocorrido ao longo dos tempos, as crianças continuaram a brincar, jogando e se expressando por meio das atividades lúdicas. Se isso ocorre mesmo em uma sociedade que supervaloriza o trabalho em detrimento do lazer e que atribui ao tempo valor financeiro, é atribuído ao brinquedo e ao brincar algum sentido, ou valor social principalmente na vida da criança.

A seguir, algumas reflexões sobre a importância dos brincar na vida da criança.

2.2.1 Reflexões sobre importância dos brincar na vida das crianças

De acordo com Volpato (2002), as crianças brincam por que gostam de brincar e o prazer por ele provocado o transforma em uma necessidade. O ato de brincar faz parte da vida da criança desde seu nascimento, sendo que nos primeiros meses brinca com o corpo, geralmente descobrindo seus pés e mãos. Neste processo, o adulto tem o papel

fundamental e centrado nesta descoberta pelo brincar, mesmo a criança não tendo consciência do seu movimento. Quando esta brinca, os seus gestos, sinais, objetos, pertencem ao espaço onde ela está inserida.

Para Bomfim (2007), o brincar é uma ação que ocorre no plano da imaginação, nos remete algo prazeroso, divertido. Mas o brincar é muito mais amplo, envolve a criança como um todo; implica que a criança que brinca tenha o domínio da linguagem cultural e social. Este é um encontro com novas experiências e aprendizagens. .

Ainda para o autor supracitado, o brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato da criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Volpato (2002, p. 100) faz um comentário importante sobre a criança, quando diz que

É no brincar que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo todo tempo com as experiências que pode ter. São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social que a possibilita de se apropriar da realidade, da vida em toda a plenitude.

Na medida em que a criança cresce, as brincadeiras tomam proporções diversificadas, necessitando de estímulos e outras mediações, torna-se mais independente e ganha mais autonomia sobre o brincar, impõem as regras e escolhe do que e como deseja brincar

Para Vygotsky (1998) as brincadeiras são importantes para as crianças desenvolverem seu imaginário, mas para que isso aconteça, a criança precisa interagir com outras crianças e tem que dispor de experiências vividas através de contos, lendas, de um acervo de brincadeiras entre outros. Essas experiências contribuirão para ampliação da imaginação da criança, de seus pensamentos e conhecimentos.

Kishimoto (2002) ressalta que o brincar é um espaço onde a criança explora suas habilidades de correr, conversar, pular, é o momento em que a criança explora novas experiências e a partir disso desenvolve várias aprendizagens.

Segundo Peixe (2003 p. 28)

Quando a criança brinca, muitas coisas acontecem. Quando ela está envolvida na atividade lúdica, organizada todo o seu ser em função da ação. Quanto mais brinca, mais a criança está exercitando sua capacidade de concentração e atenção descobrindo o gosto de criar e permanecer em uma atividade. A criança engaja-se, séria e gratuitamente, pela atividade em si e não somente para atingir um resultado determinado. Ao brincar a criança cria um mundo de possibilidades, situações criadoras que a levam à autonomia.

O brincar torna o ensino e aprendizagem como atividades significativas e divertidas, já que a criança adquire novas experiências e descobertas, que para ela se tornam significativas. Para Peixe (2003 p. 34) “também é no brincar e no jogar que a criança desenvolve sua motricidade, pois essas situações exigem um controle consciente dos movimentos”.

Conforme Kishimoto (1997), o jogo não é tarefa fácil, é muito mais complexo e amplo, pois não implica somente o jogo em questão, mas culturas heterogêneas. Porque cada cultura atribui um significado diferente para o jogo. Embora se use a palavra jogo para definição geral, nele é agregado uma diversidade de significações. Ainda para a autora, a primeira forma de representação do jogo é a imaginação criadora, representando o enfrentamento da realidade. E o jogo sensório-motor que se transforma em jogo simbólico, ampliando as possibilidades de ação e compreensão do mundo. O conhecimento deixa de estar estagnado apenas nos limites de tocar, de ver e de sentir. O mundo inteiro pode estar presente na imaginação, podendo representar com gestos, nos materiais, no papel, com sons e imagens.

Durante a Idade Média, o jogo era tido como inútil, conforme Kishimoto (1997). Não era levado a sério, associado ao jogo de azar. Já nos tempos do Romantismo, o jogo era visto como algo como algo sério e destinado a educar a criança.

O jogo não é algo banal, tem certa preocupação em torno dele, estuda-se a necessidade de preservação em todas as culturas. Preservar a criança e suas atividades e seus costumes.

Existe uma variedade de jogos e cada qual com sua maneira própria de jogar. Como o jogo de xadrez, que tem regras padronizadas que permite a movimentação das peças. O jogo político, onde o adulto usa estratégias e astúcia para alcançar seus objetivos. O jogo de baralho, cujo objetivo maior é ganhar do seu oponente. Jogo de futebol profissional, cheio de regras com jogadas ensaiadas, tendo enfoco a vitória contra seu adversário, ou o jogo de futebol livre somente para se exercitar. O sentido do jogo depende da linguagem de cada contexto social, o jogo tem um sentido dentro de

cada contexto, assumindo papel diferenciado entre uma sociedade e outra.

O que difere um jogo do outro são as regras impostas nele. Pode-se usar o mesmo jogo ou objeto para fazer diferentes jogadas. Como o jogo de damas, trilha, jogo de buraco ou tranca, o mesmo objeto é usado para jogar, o que muda são as regras.

Não existe um jogo sem regras mesmo ele sendo considerado um brincar. Na brincadeira há um acordo de regras que orienta as ações entre os que brincam, usando as regras e os que fazem sem as regras.

Segundo Carvalho (2009) brinca-se com um determinado sentido, e somente quem está brincando é que sabe realmente da sua intencionalidade proporcionada pela brincadeira. Todo brincar tem um início a partir de uma vontade. Ninguém brinca por obrigação, assim, é uma atividade voluntária. As crianças brincam por livre e espontânea vontade, elas não são obrigadas a fazer o que não querem.

De acordo com Kishimoto (1997), o brinquedo educativo ganha força com a expansão da educação infantil. O brinquedo ensina, desenvolve e educa de maneira prazerosa. Entre os brinquedos educativos temos o quebra-cabeça destinado a ensinar formas e cores, brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência de tamanho e forma, jogo da velha e o xadrez que desenvolve o raciocínio lógico. As brincadeiras que fazem com que a criança desenvolva coordenação motora e noção de espaço como a dança, brincadeiras de roda, morto-vivo, coelhinho sai da toca, o mestre mando, entre outros.

O brinquedo/jogo educativo desempenha o importante papel para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, corporal da criança, pois desenvolve interação social e manipulação de objetos.

Para Kishimoto (1997), o brinquedo educativo assume função lúdica, propiciando diversão e prazer quando escolhido voluntariamente pelas crianças e a função educativa, pois o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. O professor cria situações lúdicas através do jogo/brinquedo, possibilitando, a interação e conhecimento dos alunos.

2.2.1 Reflexão sobre o de faz de conta

Segundo Alves e Dullius (2012), a brincadeira de faz de conta da criança surge a partir de ações já vivenciadas por ela, ou seja, não é a imaginação da criança que vai determinar a sua ação, mas sim, as ações vivenciadas por ela que vão determinar suas brincadeiras. Como exemplo pode-se citar uma criança que brinca de vendedora. Esta já teve um contato com alguma pessoa onde sua profissão era vendedora ou até mesmo já presenciou uma pessoa que trabalha nessa área, e assim em sua brincadeira ela se transforma nessa pessoa, muitas vezes a representando tal e qual. Ao brincar de faz de conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica.

Neste contexto, o lúdico e o brincar não são considerados atividades sem importância, o brincar perde o caráter de superficialidade e de condição infantil e adquire o significado de função e condição universal.

A brincadeira está presente em todas as classes sociais, por mais que se estipulem regras, não a torna uma atividade obrigatória, uma das características do brincar é a liberdade que proporciona. É o momento em que o homem abandona suas responsabilidades do cotidiano, como o trabalho, onde acontecem os conflitos sociais para ter prazer e divertimento.

Vygotsky (1993) leciona que os motivos que levam a criança a brincar são os mesmos da “atividade criadora”, sendo que a criança tem necessidades e anseios, e ao brincar liberta-se das tensões. A brincadeira faz com que a criança experimente situações novas e o brincar ganha diferentes significados. Ao brincar, a criança cria situações de seu cotidiano e do meio ao qual está inserida, dando novos significados.

Ainda segundo Vigotski (1993), a brincadeira não pode ser concebida apenas como algo que traz satisfação a criança. Em alguns momentos a brincadeira é motivo de frustração e desprazer para a criança, mas nem por isso deixa de brincar. Na abordagem histórica-cultural, brincar é satisfazer as necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos.

De acordo com Brougère (2002), o brincar não pode ser separado das influências do mundo, pois não é uma atividade interna do indivíduo, mas é dotado de significação social. Para este autor, a criança é um ser social e aprende a brincar. A criança não brinca numa ilha deserta e sim, brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe

é proposta, brincando com o que tem em mãos e no seu imaginário.

Para Vigotski (1993), ao nascer, a criança já está imersa a um contexto social e a brincadeira se torna importante para sua apropriação do mundo, na internalização dos conceitos desse ambiente externo a ela.

O brincar é uma atividade difícil de ser caracterizado por ser de caráter subjetivo, mas pode se afirmar que é social e livre, pois não se pode obrigar ninguém a brincar. O brincar possui regras, intenção e situação imaginária. É a atividade dominante na infância e é por meio dele que a criança começa a aprender, já que a criança pequena usa muito do seu imaginário. As regras estão presentes, mesmo sem a criança se dar conta, e à medida que cresce, as regras do jogo na brincadeira tomam proporções mais claras e seu imaginário diminui.

Para Kishimoto (2002), a brincadeira de faz de conta é um exercício que trabalha muito a imaginação infantil, permitindo desenvolver vários conhecimentos, tornando-se mais flexível em um mundo mágico e lúdico.

Segundo Volpato (2002 p. 46)

Ao brincar com um taco de madeira como se fosse um carrinho, a criança se relaciona com o significado em questão, ou seja, a ideia de carro, e não com o objeto concreto real que tem nas mãos. Quando ela brinca de cavalinho com um cabo de vassoura, um pedaço de pau para representar um telefone, e assim por diante. Da mesma forma, essa terá que agir representando ações e comportamentos que se assemelham a dos adultos em situações reais.

O brincar na vida da criança ganha uma papel fundamental, pois muitas vezes é através do brincar que ela expressa sentimentos e angústia, explora sua imaginação, assumindo outro papel, como por exemplo, mãe, pai, professor (a) ou episódios vivenciados.

Volpato (2002, p.64) contribui reafirmando que

No ato de brincar, os papéis sociais são desenhados com muita clareza: a menina torna-se mãe, professora, tia, comadre, irmã, por sua vez o menino torna-se pai, motorista, índio, policial, ladrão. O brincar de bonecas, clássico jogo de meninas em nossa sociedade, mais do que manifestações do instinto maternal é reprodução de relações sociais existentes em determinadas sociedades, mais precisamente, a divisão social do trabalho no cuidado da criança pequena.

Para Craidy (2001), a brincadeira é algo que pertence à criança e através do brincar ela cria, experimenta, organiza-se, constrói regras para si e para o outro, recria brincadeiras novas. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para interagir consigo, com o outro e com o mundo.

Desde muito cedo a criança brinca e é pelo brincar que se expressa e comunica-se com o meio no qual está inserida, cria relações com o mundo externo, com pessoas adultas e crianças conhecidas até o momento.

Segundo Martins (2006), a criança constrói a consciência das coisas e fenômenos por meio da ação, seu domínio sobre o mundo surge como consequência da sua participação nele. As formas desta participação se alteram em razão da aprendizagem e desenvolvimento, expressando-se nas atividades principais caracterizadoras de várias etapas evolutivas. Dentre as quais se destacam as brincadeiras de papéis ou jogo de papéis, o brincar de faz de conta, o brinquedo, a brincadeira intencional, entre outros. A brincadeira de papéis influencia de maneira decisiva no desenvolvimento global da criança. Ao brincar a criança aprende a ser e agir diante das coisas e das pessoas. É a partir das ações práticas realizadas que os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas mais autônomas e complexas, que enriquecerão os processos internos e assim sucessivamente.

A criança se apropria dos objetos dos quais consegue manipular e dos quais são manipulados pelos adultos. Muitas vezes, ainda não estão ao seu alcance e de suas capacidades físicas e psíquicas de manipular, mas a atividade lúdica se torna sua atividade principal. Porque é por meio desta atividade que a criança se torna capaz de apropriar-se deste mundo.

Ainda segundo Martins (2006), a brincadeira é a principal atividade geradora do desenvolvimento psíquico do indivíduo na idade pré-escolar. É a fase da vida da criança onde ocorrem as maiores e importantes mudanças no desenvolvimento psíquico, preparando para uma transição a um novo e superior nível do desenvolvimento. Pois desenvolve no indivíduo aptidões e faculdades, físicas e psíquicas, que são pré-requisitos para o desenvolvimento do gênero humano, da humanidade.

O brincar é uma experiência social, por este motivo não acontece sozinho. Requer a mediação de um adulto, onde este assume papel organizativo na trajetória de apropriações e objetivações realizada pela criança. Através do brincar a criança reproduz as relações sociais e as atividades do adulto, em um processo de exteriorização determinante de mudanças qualitativas em sua personalidade. Brinca não só porque é divertido, embora também o seja, mas acima de tudo para atender a um dos fortes apelos humano, que de acordo com Martins (2006), é o sentido de pertença social.

Para Leontiev (1998), a brincadeira infantil consiste em uma atividade caracteristicamente humana, a brincadeira da criança não é instintiva, mas sim objetiva,

e tem como referência sua percepção do mundo, dos objetos e símbolos humanos, os quais determinam a forma e o próprio conteúdo de seu brincar.

2.3 Os brincar e o papel do mediador/professor nesse contexto

Uma frase que ouvimos constantemente dos professores é que nos anos iniciais não se brinca mais. Essa frase muitas vezes acaba trazendo constrangimentos à criança, pois dá a impressão de que ela deixou de ser criança para se tornar adulta em miniatura. Sendo que através do brincar as crianças também se desenvolvem e aprendem. Muitas vezes temos uma visão errada do brincar. E nós professores temos que rever nossos conceitos e visão, pois mesmo que a criança esteja nos anos iniciais, ela não deixa de ser uma criança que tem necessidade de brincar.

Segundo Volpato (2002 p. 96)

O professor exerce papel fundamental, como mediador no processo de alfabetização das crianças. No contexto atual, o grande desafio do educador, é trabalhar conteúdos propostos pelos programas curriculares, ou recriá-los de forma a torná-los mais significativos e prazerosos para a criança. Por isso tanto o professor que atua na educação infantil, como o que atua nas primeiras séries do ensino fundamental, ou elaborarem sua proposta de trabalho devem reconhecer e valorizar as necessidades que a criança tem de representar a realidade social.

O professor deve ser um mediador e organizador dos espaços do brincar. O tempo destinado para ele é determinado pela idade da criança, pela série em que se encontra, ou ainda pelo andamento da programação pedagógica. Mas o brincar não deve ser deixado de lado, mesmo ele tendo momentos exatos para se fazer presente na vida da criança dentro das escola, não pode ser abolido ou discriminado pelo professor, pois muitas vezes o brincar se torna uma ferramenta de ensino e aprendizagem para a criança, e o professor precisa ter conhecimento e saber usá-lo.

Na abordagem histórica- cultural o papel do professor é essencial para o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. É o professor que proporciona os materiais necessários para o seu desenvolvimento. O professor organiza os espaços para a brincadeira de acordo com as necessidades da criança.

Para Volpato (2002 p. 98)

Certamente o brincar na escola, não deve ser o mesmo que brincar em casa ou na rua, pelo menos quando não se trata de brincar na hora do recreio, pois o cotidiano escolar tem características e funções que definem quanto instituição formadora, responsável pela socialização do conhecimento historicamente produzido. Esse objetivo da escola faz com que, na maioria dos casos, o professor se defronta com as dificuldades de conciliá-lo com o brincar. Por isso mesmo, é que muitas vezes o brincar é negado ou vinculado somente a objetivos didáticos, privilegiando-se assim a atividade cognitiva, em detrimento de seu caráter lúdico. Temos assim uma concepção que pode ser resumida numa frase bastante utilizada no cotidiano, por pais e professores.

Na CEI¹ o brincar só aparece na Educação Infantil, no Ensino Fundamental desaparece. Os espaços do CEI como o pátio, poderiam ser planejados para ser um ambiente acolhedor e lúdico. O lugar da brincadeira é árido e frio. A desculpa da escola é que não se tem tempo para brincar, as crianças não cuidarão do ambiente e a hora do recreio é para as refeições. A criança estaria então na idade de aprender, não mais de brincar.

Segundo Dolto (1999), defender o brincar na escola não significa negligenciar a responsabilidade sobre o ensino, aprendizagem e o desenvolvimento. A criança necessita de limites para se sentir segura, mas o brincar, o lúdico, a fantasia são necessários para que a criança se realize, buscando outros canais. Quando a criança expressa sentimentos agressivos aceitáveis, por meio da brincadeira, ela não amplia somente seu processo civilizatório, mas constrói socialmente suas regras, sua capacidade de representação é ampliada.

Se o brincar é social e a criança não brinca sozinha, necessita de mediações de um adulto e de outras crianças. O CEI é o ambiente propício para essa mediação e é importante que ofereça a oportunidade de diferentes aprendizagens para criança. A aprendizagem não ocorre de maneira espontânea ou individual, se trata essencialmente de um processo educativo, de acordo com Piccolo (2011). Portanto, o aprendizado para acontecer, necessita de mediações e a escola é uma das mediadoras para que isto ocorra.

Para Vigotski (2007), a relação do indivíduo com o mundo é mediada. No contexto escolar deve ser levado em conta o ambiente, tudo que rodeia a criança é capaz de estimular e enriquecer as brincadeiras. Para ser o mediador é necessário pensar no espaço, na organização da sala de aula e em todos os espaços possíveis para que esta mediação ocorra. A sala de aula é um espaço de conhecimento e que requer um mediador criativo que utilize as mais variadas ferramentas para chegar ao seu objetivo

¹ CEI- Centro de Educação Infantil.

final. Uma dessas ferramentas pode ser através do brincar, basta o professor conseguir conciliar o objetivo pedagógico com os desejos do aluno, encontrando o equilíbrio entre o ensinar e o aprender de maneira lúdica.

O professor não precisa voltar a ser criança, mas deve se colocar no lugar do aluno para que possa compreender o que se passa. Pensar a brincadeira é como planejar os conteúdos, fazer com que o tempo de brincar seja bem aproveitado, não deixar que o brincar ocorra sem intervenção. O professor quando assume o papel de mediador leva a criança a um processo de conhecimento sem que ela perceba “ao interagir com os conteúdos de uma forma dinâmica, reflexiva, e aberta”, segundo Volpato (2002 p.15).

O brincar está inserido em diversos contextos, como na família, nas brinquedotecas, nas amizades. O educador ganha destaque como o precursor desta mediação, buscando sempre as ferramentas adequadas para o ambiente escolar.

Marcelino (1997) diz que, garantir o tempo e o espaço dos jogos e das brincadeiras na vida da criança, não é responsabilidades somente das famílias, mas também das instituições educativas. O CEI pode contribuir e muito para o resgate do lúdico na infância, através de um trabalho pedagógico educacional, possibilitando o aprendizado por meio de cantigas, jogos, brincadeiras com movimento, para tornar o processo educativo mais agradável e eficiente.

É preciso ter clareza que no CEI nos deparamos com crianças com vivências distintas umas das outras, que devem ser respeitadas. Turmas heterogêneas onde alguns são mais habituados com o lúdico, outros com jogos eletrônicos e crianças que vivem a parte sem brincadeiras, jogos, ou qualquer outro tipo de ludicidade.

Além de lidar com essas heterogeneidades, o CEI deve respeitar a faixa etária de cada criança, embora se perceba esta negação do brincar. Ouve-se a frase de que “as crianças não precisam mais brincar quando vão para os anos iniciais”.

Para Volpato (2002), a escola não pode negar essa realidade, fazer de conta que não vê, não ouve, não percebe essa necessidade da criança e esse fato se manifesta diariamente no espaço escolar, principalmente por parte da criança que frequenta os primeiros anos escolares.

3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Durante o estágio supervisionado realizado em um Ceim da Educação Infantil e reflexões a partir do estágio remunerado, percebemos a necessidade em olhar para a criança, mais precisamente para as suas brincadeiras. Observamos que as brincadeiras para a criança era algo que a deixava feliz. Momento de extravasar, onde se sentia livre e autônoma do seu próprio brincar. Ansiava por brincadeiras novas, por brinquedos que a ajudasse a dar continuidade a um novo brincar. Observamos que quando se fatigava de correr ou brincar com os mesmos objetos, se sentia exausta e começava a brigar com outras crianças, cobrando a presença do professor em suas brincadeiras, que por inúmeras vezes não lhe dava ouvidos.



foto03-dança da cadeira
Fonte: Das autoras. Gabriele/
Elisangela data 28 /05/ 2014

Foto04/05- brincadeiras ao ar livre
Fonte: Das autoras. Gabriele/
Elisangela data 28 /05/ 2014

O educador demonstrava fadiga, sem paciência e interesse em participar, ser o mediador do brincar. É mais fácil e não dá trabalho ficar a parte, fazer de conta que não vê os anseios da criança. Fazer com que a criança se sinta bem no ambiente educacional, proporcionando um espaço prazeroso de aprendizagens não é opcional, é um dever do educador.

Como vimos no decorrer do texto, baseado em autores, a importância do brincar para a criança e para seu desenvolvimento como um todo. O brincar livre, sem a intervenção do adulto, faz parte de um brincar sem intencionalidade, somente por diversão. Mas como afirma Picolo (2011), para acontecer o aprendizado, a criança necessita de mediações no ambiente escolar, com organização e participação do professor.



Foto06-Brincadeira de corre.
Fonte: Das autoras. Gabriele/
Elisangela data 28 /05/ 2014



Foto07- Montagem de peça em sala.
Fonte: Das autoras. Gabriele/
Elisangela data 28 /05/ 2014

O estágio nos fez refletir em torno do brincar, da necessidade que a criança tem em brincar e como a brincadeira em algumas situações perde o sentido, no momento em que a criança percebe que não tem escolhas, sempre os mesmos espaços e os mesmos brinquedos, vira algo mecânico, sem estímulos. O professor tem a obrigação de enriquecer o brincar da criança, sendo o mediador, apresentando lugares diferentes, proporcionando novos objetos para que a criança invente novas brincadeiras. O professor pode participar das brincadeiras das crianças, não ditando regras ou fazendo com que a criança brinque da maneira que o adulto deseje, mas sendo apenas um mediador.



Foto 8- montando peça até a chegada do lanche.
Fonte: Das autoras. Gabriele/
Elisangela data 28 /05/ 2015

Durante as vivências de estágio não obrigatório, pudemos reafirmar o que há algum tempo estamos observando dentro de algumas instituições da educação infantil. As brincadeiras sem planejamento, sendo apenas um mero passatempo. Professores que procuram no brincar uma maneira de distração para a criança, não conseguem ver os diversos aprendizados que o brincar proporciona.

O brincar não é levado a sério pelo professor, não é visto como algo que faz parte do processo pedagógico. E tão pouco é incluído no planejamento do professor. Observa-se que as brincadeiras são enfadonhas, sempre as mesmas, a criança brinca, mas logo perde o interesse e o professor, sem paciência e nenhuma disposição para dar atenção às brincadeiras das crianças. O resultado são crianças agitadas, correndo de um lado para o outro sem saber o que fazer.

O brincar deveria ser o momento de prazer e satisfação da criança, onde ela aprende brincando. Ao invés disso, brincadeiras sem intencionalidade, soltas. É claro que não podemos generalizar, há muitos professores preocupados e que demonstram interesse em fazer a diferença. Sabe-se que nem sempre é possível pela rotina a seguir e o tempo escasso. São muitas festividades na instituição infantil, o tempo, muitas vezes é dedicado para realização dessas datas comemorativas.

Tudo é planejado com horários bem definidos para cada atividade, só não há tempo disponível para as brincadeiras planejadas, onde o professor pensa no brincar como um meio de aprendizado. O brincar por não estar presente no horário do professor acaba não sendo planejado por não haver tempo de ser pensado, pois ele tem por dia meros 45 minutos de planejamento, e nesse tempo ele se dedica as atividades a serem passadas em sala, e o brincar é deixado de lado.

Porém a professores que usam o brincar em sala de aula como um auxílio em suas práticas educativas, um exemplo é o trabalho com as formas geométricas. São apresentados os conceitos das formas, e proporcionado que os alunos tenham um contato, com elas, possam tocar e perceber a diferença. Após a professora realiza a brincadeira coelhinho sai da toca, mas usando as formas geométricas, ela desenha as formas não chãs e vai dizendo coelhinho sai da toca quadrada e vai para à triangular, assim sucessivamente, até a brincadeira chegar ao fim.

Essa é uma das formas de se estar utilizando os brincares dentro da sala de aula se apropriando do que é necessário estar trabalhando, mas também divertindo as crianças fazendo com que elas ganhem gosto pela atividade, e pelos conceitos a serem ensinados. Outra forma que a professora se apropria do brincar em sala de aula como

uma forma de auxiliador em sua prática educativa, é através do corpo humano, a educadora coloca várias peças no chão da sala algumas delas são partes do corpo, outras são peças qual quer. A turma é dividida em dois grupos, entre eles escolhem, uma pessoa para ter os olhos vendados, e os demais integrantes vão dando as coordenadas, para a pessoa do grupo que está com os olhos vendados, para que ela consiga montar o corpo humano de olhos fechados, isso faz com que os alunos além de terem uma noção de direção, faz com que elas também tenha que colocar em prática o que aprenderam em relação ao corpo humano, para saber onde vai cada peça. Aos olhos de quem não vê o brincar como uma forma auxiliadora nas práticas educativas acha a atitude dessa professora uma *besteira*, pois não compreende a importância do brincar para as crianças.

Muitas vezes não sabemos de que forma podemos estar utilizando os brincares em nossas práticas educativas, e por esse motivo acabamos deixando ele como mera passa tempo para as crianças, algo livre sem intenção. Mas se fossemos seguir de exemplo à segunda experiência relatada, podemos perceber que o brincar se torna um auxiliador, em nossa forma de ensinar, por ser um meio diferente de ensino, e faz com que as crianças ganhem gosto/interesse pelo conteúdo a ser ensinado.

4 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS BRINCARES

A brincadeira é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem do professor e da criança. É por meio da brincadeira que a criança busca autonomia, recria seus valores e firma sua identidade como parte integrante da sociedade.

Através da brincadeira a criança esquece um pouco da realidade em que vive e cria um mundo só dela, onde assume o papel de protagonista da sua própria história, assumindo diferentes papéis, se comporta como uma pessoa adulta ou mais nova que ela, cria situações, regras, inventa lugares e recria seu mundo através do brincar. A brincadeira estimula a imaginação, pensamento, fala, cognição, motricidade, cria relações sociais e afetivas.

Segundo a teoria histórico-cultural, a brincadeira é a atividade que mais

contribui para o processo de humanização da criança. Portanto, o ato de brincar é indispensável para a criança se firmar como indivíduo, mas no ambiente escolar só será possível se houver intencionalidade, atividades pensadas e direcionadas para cada etapa de vida da criança. Porém, essas atividades têm que ter sentido para envolver a criança.

Muito se fala na importância do brincar na educação infantil, mas pouco se faz, a brincadeira é passada para criança como um simples passa tempo. Infelizmente é a realidade de muitos centros de Educação Infantil.

Nas palavras de Kishimoto (1999), o brincar atualmente está presente nas escolas, ora como significado extremamente diretivo, eliminando na liberdade que faz parte do processo lúdico, ora de uma forma aleatória, improvisado sem preocupação dos educadores, o que leva a uma atividade descomprometida, sem finalidade para o desenvolvimento da criança e, portanto, da sua aprendizagem, no sentido de compreender que o brincar necessita de objetos, de parceria e conteúdos. Por outro lado, a escola deve fazer parte do processo facilitador da aprendizagem e desenvolvimento da criança, oportunizando espaços, brinquedos, brincadeiras e informações. Onde as regras do brincar devem fazer parte da formação profissional, de forma a utilizar tais recursos como instrumento de desenvolvimento da criança.

As escolas têm Projetos Políticos Pedagógicos que discursam sobre um trabalho pedagógico pensado e voltado para a criança, mas na prática, o que importa são os conteúdos passados de garganta a baixo.

Não existem fórmulas milagrosas para fazer acontecer a brincadeira como atividade pedagógica direcionada e pensada no ambiente escolar, o segredo é ter educadores dispostos a buscar incessantemente unir teoria e prática, para mediar o brincar como ato pedagógico.

É importante ter atenção especial para o brincar, pois nota-se que está tomando proporções que fogem do controle do adulto. O brincar com liberdade, com tempo, espaço e com autonomia, está sendo substituído pelas novas tecnologias, pela grande máquina do consumo, que não pensa em nossas crianças como indivíduos com particularidades, desejos próprios, cheios de cultura.

Podemos finalizar afirmando que o brincar está sendo comercializado, onde as brincadeiras estão sendo esquecidas e substituídas por uma cultura, onde o brincar já vem pronto, com todos os comandos, é só apertar o play e a brincadeira começa, sem necessitar do contato humano, a troca de experiências, culturas deixadas para trás, tornando-se algo do passado antigo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Solange Maria. Dullius, Gabriele Paula. **Processos interativos em sala de aula e o desenvolvimento de modos complexos de pensamento**. 2012 trabalho de de pesquisa. Universidade federal da fronteira Sul

ARCE Alessandra, Duarte Newton... [et al .] **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. São Paulo : Xamã, 2006.

ANGOTTI Maristela. **Educação infantil**: Para que, para quem e por quê?. Campinas. SP. Editora Alínea, 2008 2ª Edição.

BROUGÉRE Gilles. **Brinquedo e cultura**. SP. Cortez, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a **educação infantil**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 3v.

BROUGÉRE Gilles. **Brinquedo e cultura**. SP. Cortez, 1995.

CARVALHO Alysson... [et al] organizadores. **Brincares**. 1ª ed. Atualizado. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2009.

CRAIDY, M. C. (org). **Convivendo com as crianças de 0 a 6 anos**. Porto Alegre: Cadernos de Educação Infantil, nº 5, Mediação, 1998.

CLAPARÉDE, E. Psicologia da criança experimental. Rio de Janeiro. Francisco Alves. São Paulo, 1940.

Declaração Universal dos direitos da criança. Disponível em <
<http://www.culturabrasil.pro.br/zip/direitosdacrianca.pdf>> Acesso em 10 jan. 2010

DUARTE, Newton. **Arce Alessandra. Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**. SP: Xamã, 2006.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm > Acesso em 10 jan. 2010.

GUIMARÃE Ducilena Bastos s, LOPES Daniela. **O brincar e a afetividade na prática pedagógica de professores de educação infantil**. 2012.

KISHIMOTO Mochida Tizuko. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 2ª Edição. SP. Cortez, 1997.

_____, Mochida Tizuko. **O Brincar e suas Teorias** São Paulo: Pioneira.2002

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo, cortez.2002.

PICCOLO, Gustavo Martins. **Educação Infantil**: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos. Educação e Sociedade. Campinas: vol.32, nº114, p. 205-221, jan./mar. 2011.

FORTUNA Tânia Ramos. **Sala de aula é lugar de brincar?**. Disponível em: <http://aprenderbrincandoipa2012.blogspot.com.br/2012/06/sala-de-aula-e-lugar-de-brincar.html>

MARCELINO, N.C. (1997). **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus

PEIXE, Débora Cristina de Sampaio, Marçal Mônica Teresinha. **Lúdico na educação infantil**- Florianópolis: UDESC/NEAD, 2003. 81 p.: il- (Caderno pedagógico I).

SAWAYA Cristiane Maria Franzini..O brincar na educação infantil. Dissertação de mestrado pela PUC, 2009.

STOETERAU Navarõ, Mariana **O brincar na Educação Infantil**. - Unicamp. 2009.

VECTORE Célia. Como a mediação do professor influência no progresso do aluno ao usar a brincadeira como ferramenta de aprendizagem em sala de aula.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: usos e significados no contexto escolar e familiar- Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 208p.

VYGOTSKI Lev. **O papel do brinquedo**. In_____. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins fontes, 1991.p.105-118.

WAJSKOP, Gisela. **Concepções de brincar entre profissionais da educação infantil**: implicações para a prática institucional. 1996. 233 p. tese (doutorado em educação) faculdade de educação da pontifícia universidade católica de são Paulo- PUC. São Paulo